

Relatório de Workshop

XII Fórum da Internet no Brasil (FIB12)

1. Informações Básicas sobre o workshop

Título - Transformação digital e saúde: potencialidades e limites à luz dos princípios do SUS

Co-proponentes: Fundação Oswaldo Cruz, organização governamental; e Associação Brasileira de Saúde Coletiva, organização do terceiro setor.

Palestrantes:

- **Artur Iuri Alves de Sousa**
Organização - Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)
Setor - governamental
Minibiografia - Estatístico e epidemiologista, com experiência referente à epidemiologia aplicada, vigilância em saúde e planejamento estratégico. É graduado em Estatística pela Universidade de Brasília; mestre e doutor em Medicina Tropical, com área de concentração em Epidemiologia de Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Universidade de Brasília. Gerente-Geral de Conhecimento, Inovação e Pesquisa da ANVISA.
- **Bárbara Medeiros Lippi**
Organização - Moodar
Setor - empresarial
Minibiografia - Co-fundadora e diretora de saúde da Moodar, plataforma de terapia online, com foco no gerenciamento de conteúdos em saúde e desenvolvimento de ferramentas de pesquisas organizacionais e análises comportamentais. É licenciada em Ciências Biológicas, com passagem pela Universidade do Algarve, e bacharela em Nutrição - ambos os cursos pela Universidade Federal de Pernambuco; ainda, é mestranda em neurociência pela Universidade Federal de Pernambuco e pesquisadora em Neuropsiquiatria e Ciência do Comportamento.
- **Danielle Loiola**
Organização - Avicena
Setor - empresarial
Minibiografia - Responsável pela área de Governança Inteligente da Avicena, uma startup cearense de eHealth e GovTech, é administradora de empresas pela Universidade Estadual do Ceará e possui MBA em Auditoria, Controladoria e Finanças. Para além de experiência em gestão e liderança de equipes em áreas

administrativas (financeiro, compras e controladoria), presta consultoria empresarial.

- **Fabiana Lima**

Organização - Instituto Marielle Franco

Setor – terceiro setor

Minibiografia - Sanitarista pela UFRJ e pesquisadora do Instituto Marielle Franco, participou da Agenda Jovem Fiocruz desenvolvendo pesquisa sobre o acesso à saúde reprodutiva no Brasil no contexto da pandemia de COVID-19, com debates acerca da Justiça Reprodutiva pela perspectiva de jovens mulheres negras ativistas. Ainda, é conselheira de governança e articuladora política do Movimento Mulheres Negras Decidem.

- **Liliane Nascimento**

Organização – Universidade Federal do Pará (UFPA)

Setor – comunidade científica e tecnológica

Minibiografia - Graduada em Enfermagem e Obstetrícia, mestra em Administração e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é Professora Associada do Departamento de Saúde Coletiva da UFRN; coordenadora do Observatório de Recursos Humanos da UFRN (ObservaRH/UFRN); e coordenadora do Grupo Temático Trabalho e Educação da ABRASCO.

Moderador e Relatora:

- **Marcelo Fornazin**

Organização - Fiocruz

Setor - governamental

Minibiografia - Pesquisador na Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Professor Adjunto no Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal Fluminense (UFF), é doutor em Administração pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), possui Bacharelado e Mestrado em Ciência da Computação pela Universidade Estadual Paulista. Coordenador do Grupo Temático Informação, Saúde e População (GTISP). Coordenador do projeto “Implicações das Tecnologias Digitais nos Sistemas de Saúde” (Fiocruz).

- **Raquel Rachid**

Organização – Laboratório de Políticas Públicas e Internet (LAPIN)

Setor – terceiro setor

Minibiografia - Advogada, pesquisadora pelo Laboratório de Políticas Públicas e Internet, doutoranda em Mudança Social e Participação Política (EACH/USP); mestra em Direito Político e Econômico pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), universidade pela qual também é bacharela em Direito; bacharela e licenciada em História (FFLCH/USP). Integra o

projeto “Implicações das Tecnologias Digitais nos Sistemas de Saúde” (Fiocruz) como pesquisadora.

2. Estruturação do workshop

Objetivos e resultados

Após a expansão comercial da Internet e a popularização dos dispositivos móveis digitais, observou-se um crescimento vertiginoso da captura dos dados gerados a partir de atividades de interação com a tecnologia, os quais passaram a ser armazenados e processados em parques computacionais virtualizados da computação em nuvem. Se, por um lado, novas tecnologias podem trazer retorno (ainda que potencialmente seletivo) em termos de custo-efetividade, por outro, há implicações relativas à privacidade, à concentração de informação nos domínios de corporações e à transformação das formas de sociabilidade.

Este workshop pretendeu, então, considerar os princípios do SUS tanto para contextualizar um movimento de digitalização mais amplo, e que abrange a saúde, quanto para incentivar uma reflexão crítica com relação às novas tecnologias da informação e comunicação em saúde - que gere debates sobre como os sistemas de saúde estão sendo afetados pelas mudanças tecnológicas em diferentes níveis. Tratou-se de uma maneira de oportunizar interlocuções práticas e acadêmicas no que diz respeito à prestação da saúde (digital) com os diversos setores representados – os quais expuseram sua atuação em face dos princípios do SUS.

Justificativa em relação à governança da internet

Considerando os princípios para a governança e uso da internet no Brasil, a proposta deste workshop pretendeu reforçar a Universalidade como um princípio também do Sistema Único de Saúde, projetando o acesso à internet e à saúde (especialmente em sua modalidade digital) como garantias universais. Para além da universalidade, o tema proposto é relevante para a governança da internet à medida que se relaciona com a governança democrática e colaborativa - vez que é imprescindível a participação social em processos tão novos e que impactam a vida das pessoas quanto a um assunto sensível que é o da saúde. Quanto ao mais, também se trata de uma questão que depende da garantia da proteção aos dados pessoais e da privacidade olhadas por um prisma de direitos humanos, já que a inovação deve caminhar amparada nesses pressupostos.

Por fim, elementos como o ambiente legal e regulatório, a padronização e a interoperabilidade, a funcionalidade e a segurança, a neutralidade da rede, bem como a diversidade, são princípios que possuem diálogo direto com o painel conforme proposto. Assim, é possível verificar a amplitude da saúde digital e a importância de discussões a respeito de seu formato em contextos que promovam o diálogo entre setores, como é o caso do FIB - que pauta agendas e debates para além desse espaço.

Metodologia e formas de participação desenvolvidas durante a atividade

Dado início ao workshop com introdução ao tema pelo mediador, cada painalista teve uma breve fala para exposição da atuação da entidade que representa no que diz respeito ao cenário ampliado da saúde digital. Após esse primeiro momento, o mediador endereçou perguntas previamente elaboradas à mesa. Cada painalista teve acesso a uma fala de aproximadamente 5 para tecer comentários às perguntas elaboradas - para além de outras pontuações que quisesse frisar. Por fim, o moderador aproveitou as falas para breves apontamentos e para abertura às perguntas direcionadas pelas pessoas presentes e pela audiência online. Cada setor representado proveu considerações, seguindo-se ao encerramento da mesa com menções da relatoria.

3. Síntese dos debates

Iniciando o workshop, Marcelo aponta que o Sistema Único de Saúde é a estrutura central à saúde no Brasil; reforça que há grandes desafios no contexto do SUS, destacando que o direito à saúde conquistado em 1988 foi uma vitória em meio ao subfinanciamento e à falta de recursos. Fazendo menção a princípios do SUS (universalidade, integralidade, descentralização, participação social), exemplifica a saúde digital comentando que a telessaúde pode ser uma forma de prover saúde, ao mesmo passo que pode configurar-se como barreira. Assim, abre o painel para as considerações da mesa.

Síntese dos posicionamentos e propostas apresentadas

Na etapa de exposições das iniciativas em saúde digital das organizações representadas: (a) o painalista representante da ANVISA comenta sobre o SUS ser o único sistema de saúde no mundo quanto às condições de ampliação que promove, indicando que a ANVISA participa de vários fóruns, como o Comitê Gestor de Saúde Digital do Governo Federal, além de estar bastante envolvida com a questão regulatória; (b) a painalista representante da Moodar, apresenta a startup recifense e sua atuação no campo da saúde emocional por meio do oferecimento de uma plataforma que integra profissionais da psicologia, equipes de Recursos Humanos e quadros funcionais das empresas com o objetivo de prover custeio do atendimento pela empresa contratante (além de fornecer insumos em termos de análise comportamental e gestão para mitigação do afastamento, performance e bem-estar); (c) a painalista representante da comunidade científica e tecnológica comenta que o Laboratório de Monitoramento e Avaliação em Saúde – MASA, vinculado à UFPA, trabalha com indicadores da região amazônica, levantando dados sobre infraestrutura das unidades de saúde (de acordo com sua menção, se o acesso presencial à saúde é precário, quanto mais o acesso mediado por Tecnologias da Informação e Comunicação, já que menos de 15% das unidades avaliadas possuíam condições de acesso à internet); (d) a painalista representante da Avicena apresenta a startup cearense, que possui como produto um sistema construído para favorecer a tomada de decisão dentro dos sistemas de saúde

para sua centralização (haja vista a descentralização das informações em saúde); (e) a painelistra representante do terceiro setor comenta sobre a necessidade encontrada pelo Instituto Marielle Franco em olhar para a saúde da população periférica com o advento da pandemia, citando projetos de promoção de conexão entre iniciativas de coletivos e movimentos sociais em todo o país (que incluem o combate à desinformação por meio do uso de aplicações de mensageria para a provisão de informações e a promoção de acesso à internet para mulheres negras que são lideranças locais em suas comunidades). Já no momento de respostas a perguntas específicas da mediação e da audiência, algumas das questões que surgiram foram:

- o avanço tecnológico traria preocupações a serem cuidadas no que diz respeito ao armazenamento das informações e quem a elas terá acesso;
- a necessidade de se pensar nas diferenças regionais quando do planejamento de ações em saúde digital (sendo que a internet universal seria fundamental);
- a integralidade do cuidado busca ir além da casca curativa, considerando as dimensões sociais - sendo necessária a entrada de empresas como atoras de desenvolvimento no contexto da estratégia de saúde digital;
- a participação da Anvisa em fóruns de debate sobre a regulamentação de dispositivos médicos, sendo pauta da agência todas as iniciativas que podem diminuir o encargo administrativo;
- a cooperação do setor produtivo no financiamento da saúde mental, sendo o elemento financeiro uma barreira ao seu cuidado;
- a ausência de participação popular no Comitê Gestor da Saúde Digital representaria descumprimento de um dos princípios do SUS;
- a preocupação da gestão de dados pela iniciativa privada e a falta de acesso aos dados pela população;
- a questão de aplicações de bem-estar não serem consideradas software que equivaleriam a dispositivos médicos, sendo que - nesse caso - a solução seria profissionais estarem regularizados em seus conselhos profissionais, bem como haver cuidado por parte das equipes de saúde responsáveis pelo serviço;
- no que diz respeito à potencial ampliação da governança da saúde digital junto a instâncias que vêm trabalhando o assunto, apontou-se a possibilidade de ser uma pauta do Comitê Gestor da Internet, pensando a participação da sociedade e de saberes múltiplos;
- tendo-se em vista os vazamentos de dados que atingiram a infraestrutura do Ministério da Saúde, uma infraestrutura de dados pública seria bem-vinda desde que observasse a participação regional.

Identificação de consensos e dissensos

Sendo um painel de exposição de perspectivas preliminares dos setores representados acerca da saúde digital, não foram identificados dissensos nas falas. Em termos de balanço sobre a Estratégia de Saúde Digital, sua execução ilustra que a participação da comunidade está nitidamente comprometida (talvez por advir de um modelo que reproduz uma dinâmica

internacional de governança e que adota mecanismos não concebidos na origem desse modelo para um diálogo com o SUS).

Pontos a aprofundar

Há a necessidade do acompanhamento mais estreito da observância dos princípios do Sistema Único de Saúde quanto à saúde digital brasileira, especialmente em face de riscos representados por propostas como a do Open Health – um projeto de compartilhamento amplo de dados de saúde com agentes privados, nos moldes do que ocorre no âmbito do sistema financeiro com o Open Banking.

As entidades proponentes agradecem tanto a participação da mesa quanto à organização do FIB12 pela oportunidade, ressaltando que o vídeo disponibilizado no canal do NIC.Br no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=CL4Bq7EXwmA>) possui um corte quanto à primeira parte do painel – que acabou um pouco esvaziado em termos de público presencial por se dar na tarde do último dia do evento.